

LIÇÃO 4 - O Nome

“16a 19 Um nome, então, é um som vocal significativo por convenção, sem tempo, do qual nenhuma parte é significativa separadamente;

16a 21 pois no nome "Campbell" a parte "bell", como tal, não significa nada, embora na expressão "camp bell" signifique.

16a 22 Contudo, o caso não é exatamente o mesmo em nomes simples e nomes compostos; pois nos primeiros a parte não é de modo algum significativa, mas nos últimos a parte tem significado, mas de nada aparte da palavra, como "fast" em "breakfast".

16a 26 "Por convenção" é acrescentado porque nada é um nome por natureza, mas torna-se um nome quando é feito um sinal; pois sons não-letrados, como os dos brutos, designam, mas nenhum deles é um nome.

16a 29 "Não-homem", entretanto, não é um nome. Nenhum nome foi imposto para designar isto — pois não é nem discurso nem uma negação — mas chamemo-lo de nome infinito.

16a 32 “De Fílon” e “a Fílon” e todas essas expressões não são nomes, mas modos de nomes.

16b 1 A definição destes é a mesma em todos os outros aspectos que a do próprio nome, mas em conjunção com “é” ou “foi” ou “será” eles não são verdadeiros ou falsos, ao passo que, se um destes for adicionado a um nome, há sempre verdade ou falsidade; por exemplo, “de Fílon é” ou “de Fílon não é” não são nem verdadeiros nem falsos.

1. Tendo determinado a ordem da significação dos sons vocais, o Filósofo começa aqui a estabelecer as definições dos sons vocais significativos. Sua intenção principal é estabelecer o que é uma enunciação – que é o assunto deste livro – mas, como em qualquer ciência os princípios do assunto devem ser conhecidos primeiro, ele começa com os princípios da enunciação e, em seguida, estabelece o que é uma enunciação onde diz: “Todo discurso não é enunciativo, etc.” Com respeito aos princípios da enunciação, ele primeiro determina a natureza dos princípios quase materiais, i.e., suas partes integrantes, e em segundo lugar o princípio formal, i.e., o discurso, que é o gênero da enunciação, onde diz: “Discurso é som vocal significativo, etc.” A propósito dos princípios quase materiais da enunciação, ele primeiro estabelece que um nome significa a substância de uma coisa e, em seguida, que o verbo significa ação ou paixão procedente de uma

coisa, onde diz: “O verbo é aquilo que significa com tempo, etc.” Em relação a este primeiro ponto, ele primeiro define o nome, e em seguida explica a definição onde diz: “pois no nome ‘Campbell’ a parte ‘bell’, como tal, nada significa, etc.” e, finalmente, exclui certas coisas – aquelas que não têm a definição do nome perfeitamente – onde diz: “‘Não-homem’, no entanto, não é um nome, etc.”

2. Deve-se notar, em relação à definição do nome, que uma definição é dita um limite porque inclui uma coisa totalmente, i.e., de tal modo que nada da coisa está fora da definição, isto é, não há nada da coisa ao qual a definição não pertença; nem qualquer outra coisa está sob a definição, i.e., a definição não pertence a nenhuma outra coisa.

3. Aristóteles propõe cinco partes na definição do nome. Som vocal é dado primeiro, como o gênero. Isso distingue o nome de todos os sons que não são vocais; pois som vocal é o som produzido pela boca de um animal e envolve um certo tipo de imagem mental, como é dito em *// De anima* [8: 420b 30-34]. A segunda parte é a primeira diferença, i.e., *significativo*, que diferencia o nome de qualquer som vocal não significativo, seja letrado e articulado, como “biltris”, ou não letrado e não articulado, como um assobio sem razão. Ora, uma vez que ele já determinou a significação dos sons vocais, ele conclui do que foi estabelecido que um nome é um som vocal significativo.

4. Mas som vocal é uma coisa natural, enquanto um nomenão é natural, mas instituído pelos homens; parece, portanto, que Aristóteles deveria ter tomado *signo*, que é da instituição, como o gênero do nome, em vez de som vocal, que é da natureza. Então a definição seria: um nome é um signo vocal, etc., assim como uma salva seria mais adequadamente definida como um prato de madeira do que como madeira formada em prato.

5. Deve-se notar, no entanto, que, embora seja verdade que as coisas artificiais estão no gênero da substância por parte da matéria, elas estão no gênero do acidente por parte da forma, uma vez que as formas das coisas artificiais são acidentes. Um nome, portanto, significa uma forma accidental tornada concreta em um sujeito. Ora, o sujeito deve ser posto na definição de todo acidente; portanto, quando os nomes significam um acidente no abstrato, o acidente tem que ser posto diretamente (i.e., no caso nominativo) como um quase-gênero em sua definição e o sujeito posto obliquamente (i.e., em um caso oblíquo como o genitivo, dativo ou acusativo) como uma quase-diferença; como, por exemplo, quando definimos *nariz arrebitado* como *curvatura do nariz*. Mas quando os nomes significam um acidente no concreto, a matéria ou sujeito tem que ser posta em sua definição como um quase-gênero e o acidente como uma quase-diferença, como quando dizemos que um *nariz arrebitado* é um *nariz curvo*. Consequentemente, se os nomes das coisas artificiais significam formas accidentais como tornadas concretas em sujeitos naturais, então é mais apropriado pôr a coisa natural em sua definição como um quase-gênero. Diríamos, portanto, que uma salva é madeira modelada, e, da mesma forma, que um nome é um som vocal significativo. Seria outra questão se os nomes das coisas artificiais fossem tomados como significando formas artificiais no abstrato.

6. A terceira parte é a segunda diferença, i.e., *por convenção*, a saber, de acordo com a instituição humana derivando da vontade do homem. Isso diferencia os nomes dos sons vocais que significam naturalmente, como os gemidos dos doentes e os sons vocais dos animais brutos.

7. A quarta parte é a terceira diferença, i.e., *sem tempo*, que diferencia o nome do verbo.

Isso, no entanto, parece ser falso, pois o nome “dia” ou “ano” significa tempo.

Mas há três coisas que podem ser consideradas com respeito ao tempo; primeiro, o próprio tempo, como é um certo tipo de coisa ou realidade, e então pode ser significado por um nome como qualquer outra coisa; segundo, aquilo que é medido pelo tempo, na medida em que é medido pelo tempo. O movimento, que consiste de ação e paixão, é o que é medido primeiro e principalmente pelo tempo e, portanto, o verbo, que significa ação e paixão, significa com tempo. A substância considerada em si mesma, que um nome ou pronome significa, não é como tal medida pelo tempo, mas apenas na medida em que está sujeita ao movimento, e isso o particípio significa. O verbo e o particípio, portanto, significam com tempo, mas não o nome e o pronome. A terceira coisa que pode ser considerada é a própria relação do tempo como ele mede. Isso é significado por advérbios de tempo como “amanhã”, “ontem” e outros deste tipo.

8. A quinta parte é a quarta diferença, *nenhuma parte da qual é significativa separadamente*, i.e., separada do nome inteiro; mas está relacionada à significação do nome conforme está no todo. A razão para isso é que a significação é uma quase-forma do nome. Mas nenhuma parte separada tem a forma do todo; assim como a mão separada do homem não tem a forma humana. Esta diferença distingue o nome do discurso, algumas partes do qual significam separadamente, como por exemplo em “homem justo”.

9. Quando ele diz: “pois no nome ‘Campbell’ a parte ‘bell’ como tal nada significa, etc.”, ele explica a definição. Primeiro, ele explica a última parte da definição; em segundo lugar, a terceira parte, *por convenção*. As duas primeiras partes foram explicadas no que precedeu, e a quarta parte, *sem tempo*, será explicada mais tarde na seção sobre o verbo. E primeiro ele explica a última parte por meio de um nome composto; em seguida, mostra qual é a diferença entre nomes simples e compostos onde diz: “No entanto, o caso não é exatamente o mesmo em nomes simples e nomes compostos, etc.”

Primeiro, então, ele mostra que uma parte separada de um nome nada significa. Para fazer isso, ele usa um nome composto porque o ponto é mais notável ali. Pois no nome “Campbell” a parte “bell” *per se* nada significa, embora signifique algo na frase “camp bell”. A razão para isso é que um nome é imposto para significar uma simples concepção; mas aquilo a partir do qual um nome é imposto para significar é diferente daquilo que um nome significa. Por exemplo, o nome “pedigree” [linhagem] é imposto a partir de *pedis* e *grus* [pé de garça] que ele não significa, para significar o conceito de uma certa coisa. Portanto, uma parte do nome composto – que nome composto é imposto para significar um conceito simples – não significa uma parte da concepção composta a partir da qual o nome é imposto para significar. O discurso, por outro lado, significa uma concepção composta. Portanto, uma parte do discurso significa uma parte da concepção composta.

10. Quando ele diz: “No entanto, o caso não é exatamente o mesmo em nomes simples e nomes compostos, etc.”, ele mostra que há uma diferença entre nomes simples e compostos em relação às suas partes não significarem separadamente. Nomes simples não são os mesmos que nomes compostos a este respeito porque em nomes simples uma parte não é de modo algum significativa, seja segundo a verdade ou segundo a aparência, mas em nomes compostos a parte

tem significado, i.e., tem a aparência de significar; contudo, uma parte disso nada significa, como é dito do nome “café da manhã” [breakfast]. A razão para esta diferença é que o nome simples é imposto para significar um conceito simples e também é imposto a partir de um conceito simples; mas o nome composto é imposto a partir de uma concepção composta e, portanto, tem a aparência de que uma parte disso significa.

11. Em seguida, ele diz "por convenção" é acrescentado porque nada é por natureza um nome, etc. Aqui Aristóteles explica a terceira parte da definição. A razão pela qual se diz que o nome significa por convenção, ele diz, é que nenhum nome existe naturalmente. Pois é um nome porque significa; não significa naturalmente, no entanto, mas por instituição. Isso ele acrescenta quando diz, mas é um nome quando é feito um sinal, i.e., quando é imposto para significar. Pois aquilo que significa naturalmente não é feito um sinal, mas é um sinal naturalmente. Ele explica isso quando diz: pois sons não-letrados, como os das bestas designam, etc., i.e., já que não podem ser significados por letras. Ele diz sons em vez de sons vocais porque alguns animais — aqueles sem pulmões — não têm sons vocais. Tais animais significam paixões próprias por algum tipo de som não vocal que significa naturalmente. Mas nenhum desses sons das bestas é um nome. Somos levados a entender a partir disso que um nome não significa naturalmente.

12. No entanto, havia diversas opiniões sobre isso. Alguns homens disseram que nomes de modo algum significam naturalmente e que não faz diferença quais coisas são significadas por quais nomes. Outros disseram que nomes significam naturalmente de todas as maneiras, como se os nomes fossem semelhanças naturais das coisas. Ainda outros disseram que nomes não significam naturalmente, i.e., na medida em que sua significação não provém da natureza, como Aristóteles sustenta aqui, mas que nomes significam naturalmente no sentido de que sua significação corresponde às naturezas das coisas, como Platão defendia.

O fato de uma coisa ser significada por muitos nomes não se opõe à posição de Aristóteles aqui, pois pode haver muitas semelhanças de uma coisa; e similarmente, a partir de propriedades diversas, muitos nomes diversos podem ser impostos a uma coisa. Quando Aristóteles diz, mas nenhum deles é um nome, ele não quer dizer que os sons dos animais não são nomeados, pois temos nomes para eles; "rugido", por exemplo, é dito do som feito por um leão, e "mugido" daquele de uma vaca. O que ele quer dizer é que nenhum desses sons é um nome.

13. Quando ele diz, "Não-homem", no entanto, não é um nome, etc., ele aponta que certas coisas não têm a natureza de um nome. Primeiro ele exclui o nome infinito; depois os casos do nome onde ele diz, "De Fílon" e "para Fílon", etc.

Ele diz que "não-homem" não é um nome porque todo nome significa alguma natureza determinada, por exemplo, "homem", ou uma pessoa determinada no caso do pronome, ou ambos determinantemente, como em "Sócrates". Mas quando dizemos "não-homem" isso não significa nem uma natureza determinada nem uma pessoa determinada, porque é imposto a partir da negação de homem, negação essa que é predicada igualmente do ser e do não-ser. Consequentemente, "não-homem" pode ser dito indiferentemente tanto daquilo que não existe na realidade, como em "Uma quimera é não-homem", quanto daquilo que existe na realidade, como em "Um cavalo é não-homem".

Ora, se o nome infinito fosse imposto a partir de uma privação, exigiria pelo menos um sujeito existente, mas como é imposto a partir de uma negação, pode ser predicado do ser e do não-ser, como dizem Boécio e Amônio. No entanto, como significa no modo de um nome, e pode, portanto, ser sujeito e predicado, um suposto é exigido pelo menos na apreensão.

No tempo de Aristóteles não havia um nome para palavras deste tipo. Não são discurso, pois uma parte de tal palavra não significa algo separadamente, assim como uma parte de um nome composto não significa separadamente; e não são negações, i.e., discurso negativo, pois o discurso deste tipo acrescenta negação à afirmação, o que não é o caso aqui. Portanto, ele impõe um novo nome para palavras deste tipo, o "nome infinito", por causa da indeterminação da significação, como foi dito.

14. Quando ele diz, "De Fílon" e "para Fílon" e todas essas expressões não são nomes, mas modos de nomes, ele exclui os casos dos nomes da natureza do nome. O nominativo é aquele que é dito ser um nome principalmente, pois a imposição do nome para significar algo foi feita através dele. Expressões oblíquas do tipo citado são chamadas casos do nome porque caem (fall away) do nominativo como uma espécie de fonte de sua declinação. Por outro lado, o nominativo, porque não cai, é dito ereto (erect). Os estoicos sustentavam que mesmo os nominativos eram casos (com o que os gramáticos concordam), porque caem, i.e., procedem da concepção interior da mente; e diziam que também eram chamados eretos porque nada impede que uma coisa caia de tal maneira que permaneça ereta, como quando uma pena cai e é fixada na madeira.

15. Então ele diz, A definição destes é a mesma em todos os outros aspectos que a do próprio nome, etc. Aqui Aristóteles mostra como os casos oblíquos se relacionam com o nome. A definição, como significa o nome, é a mesma nos outros, a saber, nos casos do nome. Mas eles diferem neste aspecto: o nome unido ao verbo "é" ou "será" ou "foi" sempre significa o verdadeiro ou o falso; nos casos oblíquos isso não é assim. É significativo que o verbo substantivo seja aquele que ele usa como exemplo, pois há outros verbos, i.e., verbos impessoais, que significam o verdadeiro ou o falso quando unidos a um nome em caso oblíquo, como em "Isso entristece Sócrates", porque o ato do verbo é entendido como sendo transferido para os casos oblíquos, como se o que fosse dito fosse, "A tristeza possui Sócrates".

16. No entanto, uma objeção poderia ser feita contra a posição de Aristóteles nesta parte de seu texto. Se o nome infinito e os casos do nome não são nomes, então a definição do nome (que pertence a estes) não é apresentada consistentemente.

Há duas maneiras de responder a esta objeção. Poderíamos dizer, como faz Amônio, que Aristóteles define o nome amplamente, e posteriormente limita a significação do nome subtraindo estes dele. Ou, poderíamos dizer que a definição que Aristóteles deu não pertence a estes absolutamente, já que o nome infinito não significa nada determinado, e os casos do nome não significam de acordo com a primeira intenção daquele que institui o nome, como foi dito.